

Discurso(s) em análise: uma escuta à incompletude da língua e à equivocidade do sentido

Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues*

Jane Quintiliano Guimarães Silva**

Verli Petri***

No presente número da Revista *Scripta*, os textos, aqui reunidos, colocando-se numa interlocução entre a Análise do Discurso, de viés pecheutiano e as Histórias das Ideias Linguísticas, propõem-se perscrutar as discursividades contemporâneas, as materialidades que as constituem, os sentidos aí produzidos, os sujeitos que nelas se inscrevem. E o faz aceitando o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito (Orlandi, 1990).

Colocar-se nesse lugar de incômodo frente à linguagem é implicar-se em uma tomada de posição epistemológica, mas, também, política, ao desnaturalizar noções que, nos terrenos das teorias idealistas da linguagem, creditam ao sujeito o estatuto de ser origem, fonte de seu dizer, à língua como uma estrutura lógico-linguística neutra em que os sentidos mantêm relação de transparência com a literalidade e/ou referencialidade dos significantes, como nos adverte Pêcheux (1995). Como sabemos, eis aí um dos legados das contribuições de Pêcheux para os estudos da linguagem, que, sob os fundamentos da teoria materialista do discurso, a língua é tomada em sua forma material, enquanto

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Linguística Aplicada (LAEL/PUC SP). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2981-3801>.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3678-1729>.

*** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3132-3438>.

ordem significativa suscetível ao equívoco, ao deslize, à falha, ou seja, enquanto sistema sintático intrinsecamente passível de jogo que comporta a inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história para produzir sentidos.

Assim, ao inscrever-se nessa posição, o analista do discurso é interpelado a interpretar, ele produz gestos de interpretação que buscam explicitar o funcionamento da linguagem em sua opacidade constitutiva, levando em conta a contínua reconstrução do sujeito e do sentido como parte do funcionamento ideológico da linguagem (Orlandi, 1996). Interpretar, sob viés da Análise do discurso, como nos ensina essa autora (1996, p. 9), é gesto, inscreve-se no simbólico, promovendo um jogo de abertura e fechamento dos sentidos, que permite ora a incidência da ilusão de completude do dizer, que se estabelece na interpretação de qualquer objeto simbólico; ora a explicitação de que a incompletude é constitutiva da linguagem, o que torna possível a deriva dos sentidos nos processos de (in)determinação da significação.

Dito de outro modo, interpretar para Análise do Discurso é trabalhar nos limites do dizer e do não-dizer, é admitir que os sentidos podem ser outros, problematizando as supostas evidências da linguagem, a partir do reconhecimento da historicidade dos sentidos, que, em determinados discursos, os sentidos podem ser apagados, silenciados, negados e distorcidos.

Nessa empreitada, a tarefa do analista torna-se, então, a de perscrutar a prática languageira que reconhece o heterogêneo, o dissonante, o fragmentário, o descontínuo, o marginal, o contraditório, o provisório, abrindo-se para analisar objetos fora de um “universo estabilizado logicamente” e minando, desse modo, a fundação de estruturas homegeinizantes ao focalizar

processos de produção e movimentação dos sentidos tendo em conta as relações entre o dito e o não-dito, entre o possível de dizer, porque já-dito, e o possível de dizer de outros modos.

Conquanto o gesto interpretativo seja fundante da tarefa do analista, Pêcheux (2011) nos alerta para a armadilha sempre presente e sedutora de instituir a interpretação como finalidade e não como produto de interpelações postas aos textos e aos seus processos de discursivos. Nas palavras do próprio Pêcheux,

a Análise de Discurso não pretende instituir-se especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (Pêcheux, 2011, p. 291).

Resumidamente, pode-se dizer que, no cerne dessa citação, condensa-se um dos desafios que se apresenta a qualquer analista de discurso, trabalhando na tradição pecheutiana, que é o de compreender e explicitar como se dá o retorno, rearranjo do dizível interdiscursivo frente às incontáveis maneiras admitidas pela língua para sua atualização no instante da formulação do texto.

Seguindo esse legado pecheutiano, o texto que abre esta edição da *Scripta* é de Vanise Medeiros e Leatrice Barros, intitulado *Um certo vocabulário em cena: “Novas Palavras” da Academia Brasileira de Letras*. Nesse trabalho, as autoras se debruçam sobre o processo de dicionarização engendrado em “Novas palavras”, um projeto empreendido pela Academia Brasileira de Letras. Com base em uma análise de um conjunto

de verbetes, organizado por palavras inscritas em discursividades contemporâneas em circulação na *web*, as autoras mostram que tal projeto, considerados os verbetes eleitos, reflete um fazer dicionarístico que permite o acesso a discussões polêmicas que o circundam, pondo, com efeito, em cena tensões históricas/ideológicas e sociais da nossa formação social.

Em *Ensaio sobre deslocamentos produzidos pela passagem do “gesto de leitura” à elaboração de um instrumento linguístico*, Verli Petri, refletindo sobre a tensão que cerca a prática investigativa do analista do discurso, a posição de trabalho diante da discursividade e a tomada de posição-sujeito para a produção do conhecimento, propõe-se refletir sobre os deslocamentos que ela vem desenvolvendo, nos últimos anos de pesquisa em História das Ideias Linguísticas, para ler e analisar as diferentes materialidades discursivas que dizem da e sobre a palavra. E, nessa empreitada, numa relação de contraponto, Petri também se debruça sobre os efeitos da produção do conhecimento, dos gestos de leitura e de interpretação na elaboração, coletiva e compartilhada, de um instrumento linguístico: o Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.

Já, Heitor Pereira de Lima e Maria Cleci Venturini, em *O Vocabulário da pandemia do novo coronavírus e o ressoar de sentidos pandêmicos em tempos sem pandemia*, trabalhando com a palavra felicidade em verbete do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus e em manchetes noticiosas, publicadas na mídia jornalística brasileira após 5 de maio de 2023, propõem-se pensar no modo como no depois da pandemia ressoam sentidos pandêmicos. Os resultados da análise mostram como os sentidos de felicidade seguem ressoando e instaurando efeitos em nossas práticas, em nossas tomadas de posição-sujeito, ganhando outros

contornos, mobilizam outros sentidos. E, conforme os autores, no pós-pandemia, ressoam ainda sentidos pandêmicos pelo que fica como “resto” constitutivo da língua na história, significado no/pelo discurso e marcado na/pela palavra.

Considerando que os discursos sobre a criança têm história e memória, Valeria da Silva Silveira, em *Trilhas de sentidos sobre infância: o que é e o que deve ser “criança” no discurso de um Projeto Político Pedagógico*, intenta compreender como a ideologia trabalha no discurso de um projeto político pedagógico de uma escola municipal de Educação Infantil do Rio Grande do Sul. Seu trabalho, pautando-se por uma escuta à discursividade que atravessa e constitui tal projeto, volta-se para pôr em questão as evidências de sentido por meio das quais “todo mundo sabe” o que é e o que não é criança, mostrando o que pode e deve ser dito (e também, sob certo aspecto, o que não pode nem deve ser dito) sobre “criança” em função da regulação da forma-sujeito que, fragmentada, abre espaço não só para o semelhante, mas também para o diferente, o divergente, o contraditório, resultando em uma formação discursiva heterogênea.

Memória discursiva, formação discursiva e suas fronteiras porosas são as noções que balizam as discussões trazidas por Ildo Ronan Vilarinho Júnior e Dóris Maria Luzzardi Fiss em *A historicidade dos sintagmas na fala da Secretária Estadual de Educação e o funcionamento da memória discursiva*. A partir de uma live “Orientações sobre o encerramento do ano letivo 2022, produzida pela Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, para fins de análise, os autores, focalizando dizeres de e sobre educação integral aí mobilizados, mostram que os efeitos de sentido que ressoam no discurso dessa instituição possibilitam apreender um sujeito-gestor assujeitado ideologicamente a uma

formação discursiva pedagógico-administrativa que parece alinhar-se a diretrizes de organização da educação coerentes com o modo de produção capitalista neoliberal.

Trazendo a problemática do texto como forma material das novas discursividades produzidas pelas tecnologias digitais, articulada ao questionamento de como o discurso tem sido enformado pelas ferramentas digitais de textualização, produzindo unidade (imaginária) ao discurso, Cristiane Dias, em *O Texto Plataformizado*, propõe uma reflexão sobre a plataformização como condição material de produção e reprodução das textualidades, pelas quais os textos se constituem, se formulam e circulam, considerando que as textualidades são determinadas por um processo histórico e tecnológico que é o da plataformização, na conjuntura política e econômica do “capitalismo de plataforma”, como concebido por Nick Srnicek (2017).

Paulo Henrique Aguiar Mendes e Benedicto Roberto Alves Carlos, no artigo, *Análise do discurso e ativismo digital: o discurso como ferramenta de resistência na web*, compreendendo que os avanços tecnológicos vêm permitindo que a *web* se torne um espaço público para a consolidação das práticas discursivas de resistência dos movimentos sociais contemporâneos, dedicam-se a uma análise de algumas estratégias discursivas utilizadas em postagens da página do movimento Alma Preta, as quais, como mostram os autores, concorrem para, numa trama de práticas e ações, o fortalecimento de lutas contra o racismo e, a um só tempo, o aprofundamento de temas em torno de questões sobre é negritude, colorismo, cotas, entre outros.

Já, em *A construção discursiva do humor em textos de stand-up comedy: uma análise do discurso racista utilizado como estratégia do humor “antiracista”*, Ronaldo Adriano de Freitas e Alberto Cesar Pereira Siqueira, a partir de uma análise dos trechos em circulação na internet, buscam compreender o modo como o discurso racista é evocado para produzir humor em textos de *stand-up comedy*, bem como os efeitos de sentidos que emergem a partir da reprodução - mesmo inconsciente - desse discurso. Os resultados do estudo mostram que, embora o humor dos textos analisados não tenha o intuito de reproduzir sentidos que sustentam o racismo, irrompem-se, no entanto, efeitos de sentido que fazem trabalhar discursivamente contradições, vez que o sujeito comediante, na intenção de desconstruir o racismo, se apropria de estereótipos e expressões socialmente marcadas, reforçando construções de sentido de preconceito, segregação e noções de desigualdade racial.

Trabalhando sobre a materialidades da fotografia, Rhafaela Rico Bertolino Beriula, em *Luto: Presença (discurso)- Ausência (Corpo)*, propõe analisar os efeitos de sentidos que ressoam em fotografias publicadas no Instagram sobre a temática da morte e do luto, objetivando realçar a materialidade discursiva do corpo no processo sócio-histórico e ideológico de textualização simbólica sobre a morte e seus efeitos de sentir e de sentidos no espaço digital. Nessa sua análise, a autora aponta que a morte, o luto ou o que foi chamado de presença-ausência do objeto perdido, lança efeitos de sentidos que estão constituídos pela exterioridade, evidenciando o sentido da falta que se discursiviza nos discursos dos sujeitos que ainda vivem. Assinala também que o corpo que não está mais vivo passa a ser representado pela ausência, pela memória afetiva e discursiva, que resiste/existe discursivamente ao ser simbolizado.

Em *Genocídio e pandemia: uma análise discursiva sobre a produção e efeitos de sentidos*, Gabriela Gonçalves Ribeiro se dispõe a investigar os efeitos e a produção de sentidos no par de verbetes “genocídio” e “pandemia”, retirados do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus, buscando entender como esses verbetes estão postos em outros instrumentos linguísticos. Sua análise focaliza como se movimentam os sentidos entre a paráfrase e a polissemia, entre o mesmo e o diferente, nesses materiais discursivos, sob condições de produção bem específicas: as da pandemia.

Em *Feminicídio em discussão: o porquê de um nome*, Patrícia Cordeiro da Silva, Elaine Pereira Daróz, Dantielli Assumpção Garcia e Taísa Mara Pinheiro Silva propõem uma reflexão sobre a entrada do termo “feminicídio”, no Código Penal Brasileiro, empreendendo um gesto de interpretação acerca das questões concernentes à nomeação da lei, bem como as suas implicações aos sujeitos discursivos, em especial no que concerne à posição da (e para a) mulher no seio social. O estudo mostra que a nomeação do feminicídio envolve considerar concretamente a historicidade nas assimetrias de poder existentes, materializadas e reproduzidas nas práticas dos sujeitos. E mais, designar é mobilizar e resgatar a memória, considerando as condições de produção que o campo jurídico potencialmente apaga sobre o recorte de gênero.

Junto a esses trabalhos, este volume conta também com uma entrevista e uma resenha, cujas reflexões dialogam diretamente com as questões trazidas no corpo dos artigos deste dossiê.

José Edicarlos de Aquino traz-nos uma entrevista com Ana Cláudia Fernandes Ferreira, docente do DL/IEL da Unicamp, cujos estudos e pesquisas concentram-se no campo da História

das Ideias Linguísticas. Dedicando-se a compreender as condições e a diversidade de formas da produção e circulação de conhecimento sobre a linguagem e as línguas, nessa entrevista, Ana Cláudia Fernandes Ferreira fala sobre suas contribuições nessa área e do seu percurso formativo nesse campo do conhecimento. Nessa sua fala, busca assinalar que a História das Ideias Linguísticas é uma área que permite questionar, de maneira forte e produtiva, a hegemonia de determinadas línguas e de determinadas história das línguas. Conforme ela argumenta, os estudos desse campo, na contemporaneidade, vêm igualmente contribuindo para compreender e explicar os processos de descolonização linguística e de descolonização científica.

Encerrando este número da *Scripta*, a resenha de Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues sobre o livro *Michel Pêcheux na História das Ideias Discursivas*, de autoria de Kelly Fernanda Guasso da Silva, editado pela Pontes. A resenha busca fazer ver o trabalho da autora, tendo em vista a compreensão, sempre necessária, de razões por que Michel Pêcheux desenvolveu suas reflexões no contexto social e intelectual da França nos anos 1960; a razão pela qual certos problemas foram persistentemente explorados pelo teórico e como sua abordagem discursiva contribuiu para o avanço dos estudos nas ciências da linguagem, colocando em suspenso a noção de linguagem como uma realidade objetiva. A proposta de Silva, como analista em seu trabalho com o arquivo, caracteriza-se por um recorte historiográfico de uma disciplina, que exige um batimento entre descrição e interpretação (Pêcheux, 1990), a partir de um percurso de leitura, destacando os momentos em que Pêcheux define e desenvolve conceitos, na identificação de repetições e sentidos que ressoam em toda sua obra.

Boa leitura!

Referências

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi *et al.* Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Nota ao leitor. In: PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.